

Coordenação de Armindo Rodrigues

Autores:

Elisabete Dias
Mónica Moura
Luís Silva*Lactuca watsoniana* Trel.
a alfacinha açorianaFig.1- Exemplar de *L. watsoniana* no seu habitat natural

Recentemente, os açorianos começaram a ouvir falar com mais frequência de plantas endémicas dos Açores, aprenderam a identificá-las e a apreciá-las.

Porém, nem todas as plantas endémicas deste arquipélago são conhecidas da população açoriana.

Um destes casos é a alfacinha, *Lactuca watsoniana* Trel., pertencente à família das Asteráceas, ou seja dos malmequeres e margaridas (Fig.1). Esta planta é uma parente selvagem da alface comum (*Lactuca sativa* L.) que faz parte da nossa gastronomia.

A alfacinha existe apenas em 4 das 9 ilhas do arquipélago (Faial, Pico, Terceira e São Miguel). Sendo uma planta rara e em perigo de extinção foi incluída na lista vermelha da IUCN e no Anexo II da Diretiva Habitats da Comunidade Europeia, encontrando-se protegida pela Convenção de Berna.

Considerando esta situação, decorre presentemente um projeto de doutoramento, financiado pela Direção Regional da Ciência e Tecnologia, no centro de investigação CIBIO- InBio Açores, Universidade dos Açores, o qual pretende estudar esta planta a nível da sua germinação, da genética das populações dentro do arquipélago e da sua relação com as restantes espécies do género *Lactuca* a nível mundial. Estas investigações, para além do seu interesse científico geral, poderão servir de base à elaboração de um plano científica-

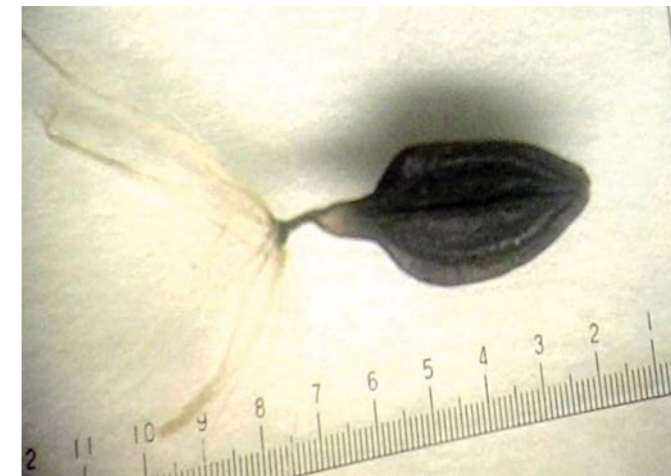
mente adequado para a recuperação desta espécie ameaçada. Uma das medidas essenciais para podermos proteger e conservar esta planta corretamente relaciona-se com tentar compreender quais os fatores que influenciam a sua produção de sementes e posterior germinação das mesmas.

Esta planta "gosta" de clareiras no meio da floresta Laurissilva e de zonas húmidas, geralmente aparece com o seu caule envolvido em musgão (*Sphagnum* sp.) mantendo assim a humidade que necessita ao seu crescimento. Tendo a temperatura apropriada, a luz e a humidade a planta produz grande número de sementes geralmente entre Agosto e Setembro, as quais estão prontas a germinar quando atingem uma coloração negra (Fig.2).

Tal como os humanos, as sementes possuem hormonas e compostos naturais que promovem a germinação. Assim, no laboratório utilizam-se reguladores de crescimento e condições que simulam a natureza, de modo a acelerar o processo de germinação.

Foram estudadas diferentes concentrações de uma hormona de crescimento vegetal conhecida por giberelina, diferentes temperaturas e tipos de luz. Como resultado, obtivemos uma percentagem de germinação na ordem dos 90%, em muitos dos tratamentos.

Foi possível assim delinear um protocolo para a germinação

Fig. 2- Semente de *L. watsoniana* madura (coloração preta)

destas sementes que permite obter o maior número possível de plantas novas (Fig.3), evitando que sejam recolhidas sementes das populações naturais que poderiam não germinar sem essas condições ótimas, o que no futuro poderá ajudar a recuperar populações que estejam ameaçadas.

Embora tenhamos tido resultados muito bons a nível da germinação das sementes, é necessário ponderar muito bem antes de se proceder à sua colheita e posterior plantação nas populações em risco uma vez que, em estudos anteriores com outras asteráceas endémicas dos Açores como é o caso do patalugo-menor e patalugo-maior (*Leontodon rigens* e *Leontodon filii*), verificou-se que populações entre ilhas e mesmo dentro de cada ilha mostram por vezes diferenças genéticas peculiares, pelo que não se devem misturar plantas que provenham de sítios diferentes.

Verificou-se que o mesmo acontece com a alfacinha, havendo diferenças genéticas significativas entre ilhas e entre populações dentro da mesma ilha. Evitando a troca de sementes e de plantas entre ilhas, poderemos evitar a perda destas diferen-

ças genéticas naturais que mantêm a singularidade

das populações, que estão adaptadas aos seus habitats e os seus processos evolutivos naturais, fazendo com que os Açores permaneçam um local de excelência para o estudo da biodiversidade vegetal, pois muito ainda está por descobrir. Do mesmo modo, é importante informar a população e controlar as ameaças promovidas pela ação humana, como seja a destruição do habitat destas plantas, evitar o pastoreio de vacas e de cabras nestas reservas naturais e assim proteger o que é nosso. De facto, é comum encontrarem-se plantas de alfacinha que foram parcialmente consumidas por cabras ou coelhos. É imperativo que nós, enquanto Açorianos, protejamos o que é natural e exclusivamente nosso, como são as espécies endémicas dos Açores, de modo a que um dia no futuro os Homens do amanhã possam apreciar a beleza dos Açores e, ao fazer trilhos pedestres, possam observar uma flora endémica açoriana vasta e variada.



Fig. 3- Plântula obtida nos ensaios de germinação que posteriormente foi restaurada ao local de origem das sementes (população-mãe)

FloraMac
Las Palmas de Gran Canaria
2015
Del 24 al 27 de Marzo

**Congresso Internacional
FloraMac2015, Canárias**

Neste congresso, onde marcarão presença cientistas de todo o mundo que tem como principal foco de estudo a flora da Macaronésia, serão apresentados os seguintes trabalhos: uma comu-

nicação oral, intitulada: "Seed germination of Azorean lettuce, *Lactuca watsoniana*, a new step towards conservation", bem como uma comunicação em forma de póster, intitulada: "Population

Structure and genetic diversity of using SSR markers", por Elisabete F. Dias, aluna de doutoramento do CIBIO-InBio Açores, Departamento de Biologia, Universidade dos Açores.